



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM QUÍMICA**

ANTONIO MATOS JÚNIOR

**UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NA VILA PRODUTIVA RURAL
(VPR) QUIXERAMOBIM: UMA RELAÇÃO DO SENSO COMUM COM A
LITERATURA**

**CAJAZEIRAS PB
2021**

ANTONIO MATOS JÚNIOR

**UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NA VILA PRODUTIVA RURAL
(VPR) QUIXERAMOBIM: UMA RELAÇÃO DO SENSO COMUM COM A
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Química, do CFP/UACEN na UFCG,
como requisito de obtenção do título de
Licenciado em Química.

Orientador: Prof. Dr. Everton Vieira da
Silva.

**CAJAZEIRAS PB
2021**

M433u Matos Júnior, Antonio.

Utilização de plantas medicinais na Vila Produtiva Rural (VPR)
Quixeramobim: uma relação do senso comum com a literatura / Antonio
Matos Júnior. - Cajazeiras, 2021.

29f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Everton Vieira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Química) UFCG/CFP, 2021.

1. Plantas medicinais. 2. Ervas terapêuticas. 3. Conhecimento popular.
4. Conhecimento científico. 5. Estudo etnobotânico. I. Silva, Everton
Vieira da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III Centro de
Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 633.88

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

ANTONIO MATOS JÚNIOR

**UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NA VILA PRODUTIVA RURAL
(VPR) QUIXERAMOBIM: UMA RELAÇÃO DO SENSO COMUM COM A
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Química, do CFP/UACEN Na UFCG,
como requisito de obtenção do título de
Graduação sob a orientação do Professor
Doutor Everton Vieira da Silva.

Aprovado em: 15 / 10 / 2021.

Conceito: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Everton Vieira Silva
(UACEN/CFP/UFCG – Orientador)



Prof^a. Dra Albaneide Fernandes Wanderley
(UACEN/CFP/UFCG – Examinadora Interna)



Prof. Especialista Darlei Gutierrez Dantas Bernardo Oliveira
(Mestrando em Química/PPGQ/UEPB - Examinador Externo)

RESUMO

A utilização de plantas medicinais com finalidades terapêuticas é uma experiência bastante vivenciada pela população. Apesar de muitas plantas medicinais serem reconhecidas mundialmente, ainda há uma biodiversidade imensa cujas características fitoquímicas e ação farmacológica das espécies precisam ser evidenciadas. Desse modo, a pesquisa justifica-se pela necessidade de investigação científica, podendo esta, a partir do saber popular sobre plantas medicinais, direcionar novas oportunidades de pesquisa para o estudo farmacológico/alimentício. O saber popular que detêm os grupos comunitários é consideravelmente válido para a progressão de estudos científicos, portanto, o objetivo da presente pesquisa configura-se em avaliar o senso comum dos moradores da VPR Quixeramobim sobre a utilização de plantas medicinais e relacionar esses saberes com a literatura. Para coleta dos dados foi confeccionado e aplicado um questionário semiestruturado com vinte mulheres que residem na VPR Quixeramobim, afim de avaliar suas experiências com as plantas que forem mais utilizadas. As informações coletadas referem-se ao método frequentemente utilizado para o preparo de determinada medicação, a parte da planta utilizada, a indicação popular e científica de 11/47 plantas mencionadas. Constatou-se que o chá foi a forma mais comum de preparo da planta e a Hortelã (*Mentha spicata L.*) foi a espécie mais citada com 85% de menções. Além disso, foi possível constatar que 42,9% das indicações de plantas, coletadas na VPR Quixeramobim, estão em conformidade com o conhecimento científico. Os resultados da presente pesquisa abrem espaço para mais estudos de aprofundamento, principalmente na área da farmacologia, que incentivem e proporcionem o uso desses recursos naturais de forma eficiente e saudável.

Palavras-Chave: Ervas Terapêuticas; Conhecimento Popular; Conhecimento Científico; Estudo Etnobotânico.

ABSTRACT

The use of medicinal plants for therapeutic purposes is a very common experience for the population. Although many medicinal plants are recognized worldwide, there is still an immense biodiversity whose phytochemical characteristics and pharmacological action of the species need to be highlighted. Thus, the research is justified by the need for scientific investigation, which, based on popular knowledge about medicinal plants, can direct new research opportunities for the pharmacological/food study. The popular knowledge held by community groups is considerably valid for the progression of scientific studies, therefore, the objective of this research is to assess the common sense of the residents of VPR Quixeramobim about the use of medicinal plants and relate this knowledge with the literature. For data collection, a semi-structured questionnaire was prepared and applied with 20 women living in the VPR Quixeramobim, in order to assess their experiences with the plants that are most used. The information collected refers to the method frequently used to prepare a certain medication, the part of the plant used, the popular and scientific indication of 11/47 plants mentioned. It was found that tea was the most common form of preparation of the plant and Mint (*Mentha spicata* L.) was the most cited species with 85% of mentions. Furthermore, it was possible to verify that 42.9% of the indications of plants, collected in the VPR Quixeramobim, are in accordance with scientific knowledge. The results of this research open space for more in-depth studies, especially in the field of pharmacology, which encourage and provide the use of these nature resources in an efficient and healthy way.

Key words: Therapeutic Herbs; Popular Knowledge; Scientific knowledge; Ethnobotanical Study.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 ESTADO DA ARTE	8
3 PERCURSO METODOLÓGICO	11
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	11
3.2 LOCALIZAÇÃO DA PESQUISA	11
3.3 AMOSTRAGEM, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	12
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
6 REFERÊNCIAS	21
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	25
APÊNDICE B – Questionário avaliativo sobre os conhecimentos da população da VPR Quixeramobim sobre as Plantas Medicinais	27

1 INTRODUÇÃO

A utilização de plantas medicinais com finalidades terapêuticas é uma experiência bastante vivenciada pela população. Uma vez que, em certas ocasiões, acabam dando preferência a terapias naturais, além de ser uma alternativa aos preços elevados dos fármacos comerciais e a limitação no acesso aos medicamentos fornecidos pelos órgãos públicos, como o SUS (CAVAGLIER; MESSEDER, 2014).

Muitas plantas medicinais são reconhecidas mundialmente e as pessoas fazem uso com finalidades terapêuticas há milhares de anos. Apesar disso, ainda há uma biodiversidade imensa cujas características fitoquímicas e ação farmacológica das espécies precisam ser evidenciadas, de modo que possam ser utilizadas pela população de forma segura e funcional (SILVEIRA; RAMIRES, 2010).

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA destaca que o uso inadequado de plantas medicinais pode causar diversas reações no organismo, como intoxicações, enjoos, irritações, inchaços e, em casos extremos, até a morte. Diante disso, percebe-se a necessidade de estudos etnobotânicos, de modo que as espécies vegetais sejam racionalmente utilizadas pelo homem, de acordo com a finalidade terapêutica e quantidades indicadas, evitando com isso reações adversas ou intoxicações provenientes de atribuições equivocadas (BRASIL, 2020).

Comunidades oriundas da zona rural, geralmente participam de pesquisas com caráter etnobotânico, uma vez que essas pessoas possuem um vasto saber ou forte tradição ao se tratar do uso de plantas medicinais. Tais conhecimentos geralmente são adquiridos com antepassados que tradicionalmente já faziam uso das espécies com finalidades curativas (RODRIGUES, 2001). Somado a isso, os conhecedores sobre a utilização de ervas para fins terapêuticos, que ali abrigam, são indicadores ideais de plantas medicinais para comprovações científicas, frente as suas eficácias e/ou toxidades (CASTRO; FIGUEIREDO, 2019).

Desse modo, a pesquisa justifica-se pela necessidade de acompanhamento científico, devido os riscos que o consumo inadequado de plantas pode gerar. Da mesma forma, é válida a investigação científica, podendo esta, a partir do saber popular sobre plantas medicinais, direcionar novas oportunidades de pesquisa para o estudo farmacológico, alimentício e outros.

De fato, estudos pelos quais relacionam o Senso Comum com o Conhecimento Científico acabam por gerar discussões essenciais. Afinal, o saber popular que detêm os

grupos comunitários é consideravelmente válido para a progressão de estudos científicos. Portanto, o objetivo da presente pesquisa configura-se em avaliar o senso comum dos moradores da VPR Quixeramobim sobre a utilização de plantas medicinais e relacionar esses saberes com a literatura.

2 ESTADO DA ARTE

A experiência humana e seus conhecimentos voltados para a utilização de plantas medicinais em seu proveito ocorrem desde muito tempo. Desse modo, o homem, assim como todos os animais, adquiriu a prática da identificação das funcionalidades das espécies vegetais, podendo elas apresentarem propriedades benéficas ou não (RODRIGUES, 2001).

A medicina voltada para as propriedades curandeiras das plantas é decorrente da própria origem do homem. Certamente, o surgimento dessas práticas terapêuticas se deu por meio do acaso, observações e experiências (PEREIRA; CUNHA, 2015). Assim, à medida que os saberes foram sendo adquiridos pelas pessoas, passaram a cultivar ervas em suas comunidades, dando-as um sentido mágico-religioso significativo, que se pendura até os dias atuais (RODRIGUES, 2001).

Se tratando de um contexto histórico frente a prática da medicina convencional no território brasileiro, esse exercício fitoterápico teve início desde antes da colonização. Desse modo, foi institucionalizada quando começou a exibir comprovações através de métodos da ciência moderna a partir do uso, experiência e observação popular (CASTRO; FIGUEIREDO, 2019).

A invasão dos portugueses no Brasil acabou por intensificar as práticas de utilização das plantas medicinais, que já eram amplamente utilizadas pelos povos indígenas. Somado com a escravização dos povos africanos, a colonização permitiu uma considerável troca de saberes populares acerca da utilização de plantas com pretensão de cura. É inegável que a introdução de muitas plantas no território Brasileiro é decorrente da cultura africana (SILVA et al., 2016).

Esse marco histórico para o país também foi fundamental para os métodos de utilização, assim como as finalidades. Dessa forma, o exercício da fitoterapia configura-se como uma revelação das tradições, práticas e conduta relacionadas ao modo de vida do homem (PEREIRA; CUNHA, 2015).

O Brasil apresenta a maior biodiversidade que se apresenta nos diferentes biomas, a saber: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal, não deixando de lado o macro bioma marinho. Além disso, outros biomas que possuem uma dimensão geográfica reduzida, apresentam relevância se tratando da geomorfologia do país. Logo, a prática e o incentivo ao uso de plantas medicinais dispostas nos biomas naturais tornam-se amplamente favoráveis (CASTRO; FIGUEIREDO, 2019).

Essa diversidade de plantas abre espaço para suas atribuições à prática medicinal de forma corriqueira nas comunidades, tida, muitas vezes, como principal estratégia para melhorar a saúde (MARQUES; SILVA, 2019). Neste sentido, o Ministério da saúde – MS (2017) acrescenta que “O medicamento fitoterápico e plantas medicinais valorizam a cultura e o conhecimento tradicional”, demonstrando assim respeito a essas práticas, além de fornecer tais medicamentos e incentivar o uso de forma segura.

Em meados do século XX a academia brasileira teve expansão e materialização em estudos investigativos na área de Plantas Medicinais. Na época, foi dado origem a importantes instituições com pesquisas orientadas a partir de disciplinas que tiveram como foco principal a Botânica, Química e a Farmacologia (FERNANDES, 2004).

O assunto em questão que antigamente era associado apenas a “crendice” passou a ganhar respaldo de órgãos oficiais da saúde, passando a despertar, de forma mais efetiva, o interesse das pessoas que fazem este tipo de terapia e que detêm deste conhecimento popular (CAVAGLIER; MESSEDER, 2014).

A fitoterapia resistiu à modernidade e a evolução tecnológica/científica da medicina pelo fato de até então ser, em diversas situações, uma das principais maneiras de cuidar (do outro ou de si mesmo). Essa prática é exercida principalmente entre as pessoas que tem acesso reduzido aos serviços públicos de saúde, sobretudo em regiões que se localizam em periferias (CASTRO; FIGUEIREDO, 2019).

A prática da fitoterapia tem ganhado espaço e popularidade nos diferentes níveis de sociedade. Na maioria dos casos, a preocupação em ter uma vida mais saudável faz da medicina popular uma alternativa ideal, por ser de origem mais natural (CARDOSO; AMARAL, 2019). Por outro lado, existem plantas medicinais que são tóxicas ou apresentam efeitos colaterais indesejáveis, ao ser acopladas a outros remédios ou associadas com determinado alimento (GUIMARÃES; OLIVEIRA; MORAIS, 2019).

Intoxicações por plantas medicinais estão relacionadas a diversos fatores, sendo estes alistados à planta e/ou ao indivíduo. Por isso, há complexidade no diagnóstico para esse tipo de envenenamento (CAMPOS et al., 2016). Nesse sentido, vale ressaltar a

importância do estudo Etnobotânico, pelo risco que a utilização de plantas medicinais pode gerar para as pessoas, que, culturalmente, trata-as como inofensivas.

O estudo Etnobotânico, de acordo com Rodrigues (2001), é uma ciência que busca entender a relação do homem com as plantas. Essa relação pode envolver a utilização das plantas para finalidades curandeiras, isto é, como o propósito de tratar alguma enfermidade a partir de um conhecimento que é passado de geração em geração.

As indicações Etnobotânico apontadas a partir das experiências do homem, certamente, “podem fornecer relevantes contribuições para a conservação da diversidade sociocultural e biológica das espécies conhecidas pelas populações tradicionais” (GUIMARÃES; OLIVEIRA; MORAIS, 2019. p.215). Sobretudo, vale ressaltar a valorização das tradições e saberes dos povos que são essenciais para as pesquisas científicas.

Além das plantas medicinais serem utilizadas constantemente pelas pessoas, o seu valor e “caráter saudável” é tido como fonte de estratégia socioeconômica, que vem aumentando sua variedade a medida em que plantas estão sendo estabelecidas em uso medicinal (DANTAS; SANTOS; TORRES, 2019). Nisso, o uso dessas Plantas/Fitoterápicos promove opções alternativas de baixo custo, apoia o saber popular, conserva a biodiversidade e estimula a educação social (NASCIMENTO JÚNIOR, et al., 2016).

O mundo inteiro tem apresentado interesse em conhecer e praticar a medicina popular, o que resultou nas últimas décadas em debates oriundos de políticas públicas – Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos do Governo Brasileiro. Refletindo, dessa forma, a caracterização do saber popular e tradicional, dissipando conhecimentos voltados para a biodiversidade brasileira e impulsionando a indústria farmacêutica nacional (CASTRO; FIGUEIREDO, 2019).

O assunto em questão tem sido pautado entre os países, pois o saber popular contribui satisfatoriamente para a indústria farmacêutica e demais campos. Sendo assim, o referido “uso das plantas medicinais como um recurso terapêutico legítimo acaba por constituir uma série de mobilizações associadas à luta política pela valorização e reconhecimento dessa forma de conhecimento” (MARQUES; SILVA, 2019. p. 266).

As pesquisas voltadas para a relação dos vegetais utilizados em benefício do homem devem ser motivadas, já que, de certa forma, o homem depende dos recursos naturais. Portanto, se faz necessário que a ciência proporcione um uso com maior eficiência desses recursos (BRITO; LUCENA; CRUZ, 2015).

As unidades de atenção primária da saúde respeitam o saber popular, bem como, os praticantes dessa atividade frente aos remédios caseiros (CASTRO; FIGUEIREDO, 2019). Portanto, é essencialmente necessário o incentivo às pesquisas que tratam da formulação de medicamentos fitoterápicos - eficazes e seguros - derivados de vegetais tradicionalmente cultivados e consumidos pela população (CARDOSO; AMARAL, 2019).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

O presente trabalho está ligado a um estudo Etnobotânico, que, por sua vez, permite analisar o comportamento das pessoas frente a utilização das plantas (RODRIGUES, 2001). Neste sentido, a pesquisa se desenvolveu com foco nas experiências e saberes de um grupo de pessoas, que, na prática, podem estar utilizando vegetais com a intenção medicinal. Desse modo, com o apoio de um levantamento bibliográfico, o trabalho classifica-se como uma pesquisa exploratória a partir de um estudo de caso de natureza quali-quantitativa.

3.2 LOCALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa se desenvolveu na Vila Produtiva Rural (VPR) Quixeramobim, no município de São José de Piranhas-PB. A comunidade reassentada pelo Projeto de Integração do Rio São Francisco (PISF) atualmente é composta por 52 residências, uma escola que abrange o ensino fundamental I e EJA, uma Associação Comunitária (ativa), uma Igreja católica em construção e um posto de saúde.

Trata-se de um reassentamento recente, tendo 5 anos e 7 meses, que, assim como as demais 17 Vilas Produtivas Rurais, distribuídas pela Paraíba, Ceará e Pernambuco, originaram-se a partir do PISF.

O referido projeto (PISF) reassentou comunidades rurais nas VPRs pelo fato de elas, antes, estarem ocupando regiões na qual futuramente seriam cobertas pela água do “Velho Chico”. Portanto, o reassentamento VPR Quixeramobim proporcionou a união de

52 famílias, facilitando, para tal pesquisa, o acesso a pluralidades de saberes que antes pertenciam a regiões distintas.

3.3 AMOSTRAGEM, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Para coleta dos dados foi confeccionado e aplicado um questionário semiestruturado em 20/52 residências. A escolha das casas aconteceu respeitando as quais tinham mulheres (donas de casa) com interesse e disponibilidade para responder as perguntas. Seguindo o método descrito por Oliveira (2015), esse público feminino, por sua vez, tem mais conhecimento sobre plantas medicinais.

As análises dos dados foram divididas em três fases, onde nelas buscou-se avaliar o comportamento das pessoas frente a utilização das ervas, tomando como base o conhecimento popular. Esse confronto do senso comum com o conhecimento científico foi desenvolvido apoiando-se em uma revisão bibliográfica nas bases de dados do Google Acadêmico, Periódicos da Capes e Scielo. Para as buscas dos trabalhos foram aplicados os seguintes termos: Plantas medicinais; Senso comum; Atividades fitoterapêuticas.

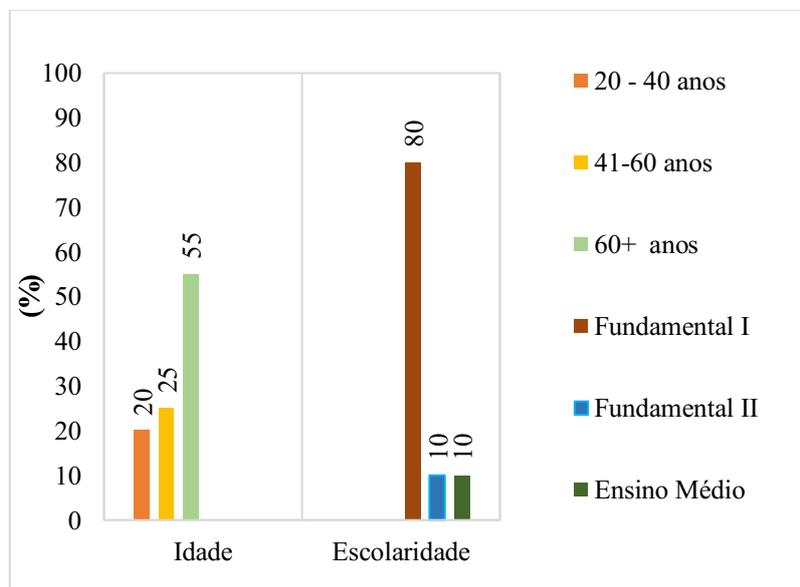
Após entender em quais aspectos sociais comumente estão inseridas as plantas naquela comunidade, na primeira fase tem-se a frequência com que essas pessoas utilizam as plantas medicinais, a forma de preparo das ervas e a maneira com que esses conhecimentos vêm sendo repercutidos. A partir das experiências dos moradores, no segundo momento foi discutido sobre suas opiniões acerca do uso e efetividade das Plantas Medicinais; Fitoterápicos; Medicamento Convencionais.

Na terceira fase de análise foram organizadas as informações, em uma tabela, sobre as plantas que foram citadas no mínimo três vezes pelos colaboradores. Tais informações estão relacionadas às plantas medicinais que fazem uso rotineiramente; método e parte utilizada, bem como, o tratamento desejado. Além disso, a partir das buscas dos trabalhos nas bases de dados citados anteriormente, serão adicionados à tabela a indicação científica das plantas e, somado a isso, serão feitas considerações a respeito dos compostos bioativos presente nas três plantas mais citadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Figura 01 estão apresentados alguns dados relacionados aos aspectos sociais dos colaboradores da pesquisa, sendo eles idade e escolaridade. A partir desses números é possível traçar um perfil que, em seu dia a dia, faz uso de plantas medicinal.

Figura 01: Perfil social dos colaboradores.

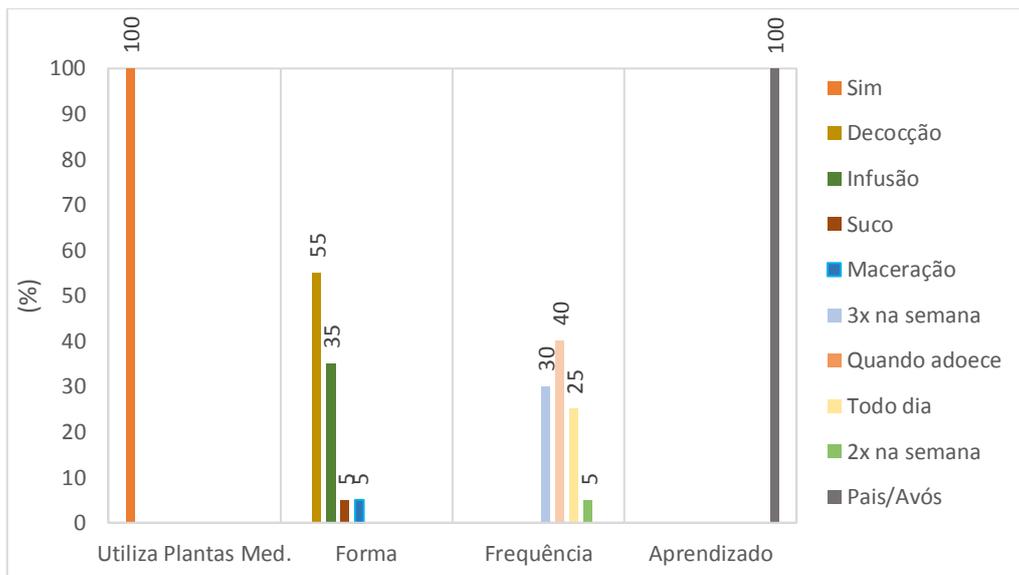


Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Analisando a Figura 01, observa-se que a maioria das colaboradoras apresenta baixa escolaridade, onde o Ensino fundamental I representa 80% delas. Outro aspecto observado trata-se de o grupo majoritariamente ser constituído por pessoas idosas, onde 55% dos entrevistados estão em uma faixa etária acima de 60 anos, seguido de 25% com a idade entre 41 e 60 anos e 20% entre 20 e 40.

A idade, o gênero e outros aspectos característicos das pessoas estão associados aos conhecimentos que uma comunidade detém sobre a utilização das plantas. Muitos estudos apontam, por exemplo, que as pessoas mais velhas são maiores conhecedores sobre plantas medicinais e trazem consigo um saber popular significativo a respeito desses vegetais (MESSIAS et al. 2015).

Na sequência, as participantes da pesquisa foram questionadas se utilizavam plantas medicinais e, em seguida, foram indagadas a respeito do modo que preparam o produto natural, a frequência com que fazem uso e onde obtiveram os conhecimentos sobre essas espécies vegetais. A seguir, na Figura 02 observa-se um gráfico esquematizando os resultados obtidos a respeito dos questionamentos mencionados.

Figura 02: Frequência, aprendizado e formas que os colaboradores utilizam as plantas.

Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Ao analisar os dados na Figura 02, observa-se que todas as contribuintes na pesquisa fazem uso de plantas medicinais. Logo, é possível entender que, assim como apontam Marques e Silva (2019), a atribuição de plantas com intuito terapêutico é bem frequente nas comunidades rurais, como na da VPR Quixeramobim.

Também foi constatado que 100% das colaboradoras obtiveram conhecimento a respeito da utilização dessas plantas através dos ensinamentos dos pais e/ou avós. Essa forma de aprendizado, onde os saberes são repassados ao longo das gerações, foi similarmente destacado na população estudada por Gomes e colaboradores (2021), em um estudo com essa mesma perspectiva na cidade de Marizópolis-PB.

Ao confrontar dados com a Figura 01 identifica-se que o conhecimento sobre as ervas certamente teve pouca influência do ensino ofertado na escola, visto que, um dado obtido destaca 80% dos colaboradores apenas com Ensino Fundamental I em sua escolaridade. Kovalski e Obara (2013) alertam que as escolas, principalmente da zona rural, devem abordar mais sobre os saberes do cotidiano. No que diz respeito a plantas medicinais, a problematização pode contribuir significativamente para a valorização da cultura.

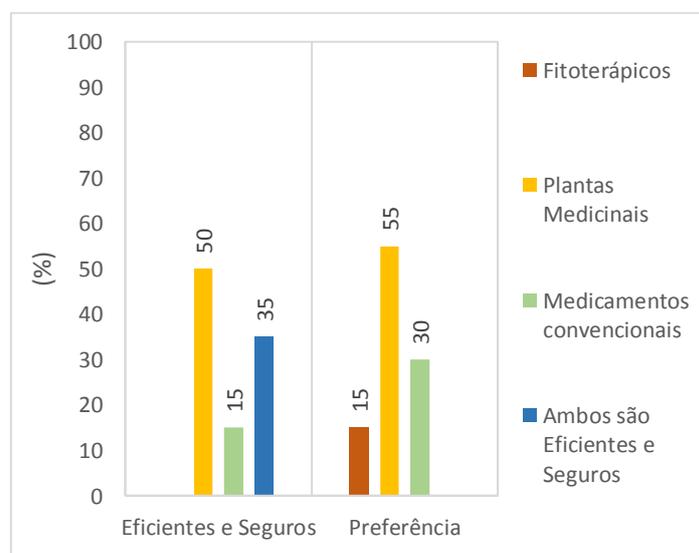
Na sequência de leitura dos dados da Figura 02, percebe-se que 40% das contribuintes afirmam fazerem a utilização de ervas apenas com pretensão de cura, ou seja, somente quando querem tratar alguma doença. A maioria das mulheres, representando 60%, por outro lado, fazem uso casual dessas ervas, onde é importante

destacar que parte delas, contabilizadas em 25%, usufruem das plantas todos os dias. Desse modo, observa-se uma considerável frequência de utilização de plantas para tratamento de dores e enfermidades na VPR Quixeramobim, enfatizando, pois, o quanto essa cultura é pertinente em comunidades rurais hoje em dia, podendo contribuir satisfatoriamente com conhecimento popular e para um estudo Etnobotânico.

Quando questionadas sobre a principal forma com que fazem o preparo das plantas, para desfrutar de suas propriedades curativas, 55% responderam utilizar do método decocção e 35%, infusão. Somando esses dados, temos o chá sendo a forma mais comum de preparo da planta, citado 90% das vezes.

Além das medicações caseiras a base de plantas, as contribuintes da pesquisa foram interrogadas quanto ao uso e experiências com outros tipos de medicamentos. Na Figura 03 estão expostas a classificação das Plantas Medicinais, dos Fitoterápicos e Medicamentos Convencionais, ambas agrupadas quanto a sua segurança e eficiência, bem como, preferência de consumo pelas moradoras da VPR Quixeramobim.

Figura 03: Classificação das Plantas Medicinais em relação a outros tipos de medicamentos.



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Observa-se na Figura 03 que 50% das colaboradoras classificam positivamente as Plantas Medicinais, apontando-as como mais eficientes em relação aos Fitoterápicos e Medicação Convencional, quando utilizadas para o tratamento de alguma enfermidade. Além disso, essa respectiva porcentagem vale para as mulheres que sentem segurança ao usufruir de tais recursos. Nessa perspectiva, Cardoso e Amaral (2019) colocam que a

medicina popular acaba sendo uma alternativa mais natural, pouco tóxicas e, conseqüentemente, um dos métodos mais seguros para cuidar da saúde.

Seguindo as análises, é possível identificar que a maioria dos participantes da pesquisa, contabilizados em 55%, preferem utilizar as Plantas. Evidenciando a popularidade e reconhecimento das plantas para atribuições curativas na comunidade da VPR Quixeramobim.

Com intuito de compreender quais Plantas Medicinais vem sendo administradas pelas colaboradoras da pesquisa, bem como, a maneira que estão sendo feitas suas atribuições, dispõe-se na Tabela 01 de informações coletadas a respeito, para ser feita a interpretação dos dados. Essas informações discorrem sobre o método frequentemente utilizado para o preparo de determinada medicação, a parte da planta utilizada, a indicação popular e científica de 11/47 plantas mencionadas.

Tabela 01: Plantas Medicinais utilizadas e cultivadas na VPR Quixeramobim.

Planta Medicinal Nome Popular/Nome Científico	% de Menções	Método popular (Parte utilizada)	Indicação popular	Indicação científica
Hortelã* (<i>Mentha spicata</i> L.)	85%	Infusão; Decocção; Xarope. (Folhas)	Dor de cabeça; Gripe; Bronquite; Cólica; Febre.	Tônicos; estimulantes digestivos; analgésico (AYADI et al., 2014).
Malva do Reino (<i>Plectranthus</i> <i>amboinicus</i>)	65%	Infusão; Decocção; xarope. (Folhas)	Anti- inflamatório; Expectorante; Gripe; Tosse alérgica.	Antiepiléptica, antitumoral, anti-inflamatória, antimicrobiana, diurética e antioxidante (ARUMUGAM; SWAMY; SINNIAH, 2016).
Laranja (<i>Citrus</i> <i>Sinenses</i>)	45%	Decocção; Infusão. (Casca da fruta; folha)	Febre; Gripe; Insônia; Falta de apetite; Enxaqueca.	Antioxidante e anti- inflamatória (MARTINEZ et al., 2021)
Malva Corama* (<i>Kalanchoe</i> <i>pinnata</i>)	30%	Suco; Decocção; Xarope. (Folhas)	Gripe; Expectorante; Tosse alérgica; Anti- inflamatório; Previne o	Anti-alérgica, analgésica, antiúlcera, sedativa e diurética (TAYLOR, 2004).

			câncer; Cicatrizante.	
Malva Sete Dores* (<i>Plectranthus barbatus</i>)	20%	Decocção. (Folhas)	Gastrite; Cólica; Infecção alimentar; Dor.	Azia, úlcera, funções digestivas, mal-estar, ressaca (SANTIAGO; SOUSA; COSTA, 2018)
Capim-santo (<i>Cymbopogon citratus</i>)	40%	Decocção; Infusão. (Folhas)	Pressão alta; Calmante; Dor de cabeça; Febre; Falta de apetite.	Antimicrobiana, analgésica, anticancerígena (LORENZI; MATOS, 2002).
Erva Cidreira (<i>Lippia alba</i>)	30%	Decocção; Infusão. (Folha e caule)	Falta de apetite; Febre; Sinusite; Calmante; Infecção alimentar.	Sedativo e anti- hipertensivo, distúrbios respiratórios (GOMES et al., 2019).
Boldo (<i>Peumus boldus Molina</i>)	25%	Decocção. (Folha)	Infecção alimentar; Gastrite; Gases.	Ação antioxidante, antiinflamatória, Hepatoprotetora, antimicrobiana e diurética (MARIANO et al., 2019).
Alecrim (<i>Rosmarinus officinalis L.</i>)	35%	Infusão; Decocção. (Folha)	Dor de cabeça; Sinusite; Renite Alérgica.	Dores de cabeça, epilepsia e doença da circulação (RAŠKOVIĆ et al., 2014).
Eucalipto* (<i>Eucalyptus</i>)	20%	Decocção; infusão. (Folha)	Febre; Má digestão.	Anti-inflamatório (MEDEIROS et al., 2007); Expectorante e antissépticas (CASTRO, 2020).
Mastruz* (<i>Chenopodium ambrosioides L.</i>)	25%	Suco; Maceração; Decocção (Folha e caule)	Gastrite; Anti- inflamatório; Má-digestão; Osteoporose.	Antioxidante e anti- inflamatória (ALMEIDA et al., 2018).

Fonte: Arquivo pessoal (2021). * Ervas incluídas na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS – RENISUS.

Como pode-se observar na Tabela 01, a planta mais citada, com 85% de menções, foi a Hortelã (*Mentha spicata L.*). No estudo realizado por Silva (2021), essa planta

apresentou elevados teores de compostos bioativos da amostra seca, com destaque para Fenólicos Totais ($11974,99 \pm 1143,51$ mg ácido gálico/ 100g); Clorofilas totais ($768,25 \pm 4,11$ mg.100g⁻¹); Carotenoides ($128,96 \pm 2,90$ mg.100g⁻¹).

A Hortelã faz parte das Ervas incluídas na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS – RENISUS e apresenta bons níveis de metabólitos secundários, que podem justificar a ação farmacológica e seu potencial de aplicação. Essa planta foi popularmente indicada para o tratamento de Dor de cabeça; Gripe; Bronquite; Cólica e Febre. Enquanto cientificamente é orientada para aplicação como Tônicos, analgésico (AYADI et al., 2014) e estimulantes digestivos (BRASIL, 2021). Dessa forma, para a atribuição medicinal da Hortelã, nota-se 40% de concordância da indicação popular com a indicação científica.

Em seguida, a Malva do Reino (*Plectranthus amboinicus*) apresentou-se como 65% das indicações feitas pelas colaboradoras a respeito das atribuições terapêuticas. Nessa espécie vegetal foram feitas análises fitoquímicas por Gomes e colaboradores (2021), obtendo para a amostra seca os seguintes parâmetros em “mg.100g⁻¹”: Clorofila total ($6,026 \pm 0,423$ mg.100g⁻¹); Carotenoides ($0,139 \pm 0,012$ mg.100g⁻¹); Flavonoides ($164,3 \pm 3,100$ mg.100g⁻¹); Antocianinas ($27,63 \pm 15,84$ mg.100g⁻¹); Fenólicos Totais ($0,543 \pm 0,602$ mg ácido gálico / 100g).

Observa-se que as colaboradoras citaram o uso da Malva do Reino, que não está incluída na RENISUS, para tratar gripe e tosse alérgica, além de atribuições da planta como anti-inflamatório e expectorante. Ao buscar dados científicos, foi encontrado um estudo que indica o uso de tal planta como antiepiléptica, antitumoral, anti-inflamatória, antimicrobiana, diurética e antioxidante (ARUMUGAM; SWAMY; SINNIHAH, 2016). Portanto, verifica-se que 50% das atribuições populares feitas, estão de acordo com o conhecimento científico.

Outro destaque foi a Laranja (*Citrus Sinensis*), mencionada por 45% das colaboradoras da pesquisa. Os óleos essenciais de Laranja apresentam atividade fungicida evidenciada, e, em sua composição, as seguintes substâncias são responsáveis por esse efeito: acetaldeído, ácido acético, alfa-felandreno, ácido benzóico, cariofileno, ácido cinâmico, cis-ocimeno, citral, citronelal, citronelol, cumarina, formaldeído, geraniol, linalol, mirceno, naringenina, nobiletina, p-cimeno, fenol, seselina, sinensetina, terpinoleno, timol e umbeliferona (USDA, 2003).

A Laranja não está inserida na RENISUS. Porém, foi popularmente indicada na VPR Quixeramobim para enfermidades que estão listadas em: Febre; Gripe; Insônia; Falta

de apetite e Enxaqueca. Cientificamente essa planta é orientada para usos como antioxidante e anti-inflamatória (MARTINEZ et al., 2021). Dessa forma, nota-se que 40% das atribuições estão em concordância.

Vale salientar que algumas atribuições feitas pelas colaboradoras, a partir de seus conhecimentos acerca da medicina popular, apresentam contradição quando verificado a indicação científica. Contabilizando tais dados, com a porcentagem de concordância referente as atribuições de plantas entre esses dois conhecimentos, temos a Hortelã: 40%; Malva do Reino: 50%; Laranja: 40%; Malva Corama: 33%; Malva Sete Dores: 50%; Capim Santo: 20%; Erva Cidreira: 40%; Boldo: 66%; Alecrim: 33%; Eucalipto: 50%; Mastruz: 50%. Fazendo uma média desses percentuais, conclui-se que 42,9% das indicações de plantas, coletadas na VPR Quixeramobim, estão em conformidade com o conhecimento científico.

Dando continuidade as análises, nota-se que em relação a parte do vegetal utilizada percebe-se que é comum, nas citações de todas as plantas, o uso da folha para preparar as medicações caseiras. Além disso, outro fator comum, mencionado em todas as plantas presente na tabela, foi o preparo delas por meio de chás, sendo eles administrados por decocção e/ou infusão.

A decocção trata-se do cozimento da planta, que por sua vez é indicado para o preparo do chá utilizando a raiz, por ser a parte do vegetal mais dura. Já a infusão, se trata do método de abafamento e deve ser administrada com partes mais moles da planta, como folhas e flores, para concentrar os compostos ativos voláteis (SILVA; REGIS; ALMEIDA, 2012); (BRASIL, 2021). Nesse sentido, nota-se que a administração de chás por meio de decocção, feita pelas colaboradoras utilizando folhas, não seguem as orientações científicas.

Essas duas formas de chás, portanto, tem suas peculiaridades. Nesse sentido, é importante frisar que as justificativas, quando mencionado o uso de infusão, se assemelham ao seguinte relato: “Fervo a água e coloco para abafar, se ferver a planta o pé dela morre”. Dessa forma, é percebido o quanto a superstição acaba se sobrepondo ao real objetivo do método de infuso, evidenciado cientificamente e desconhecido por boa parte dos colaboradores dessa pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O público colaborador da pesquisa, ocupado inteiramente por mulheres, apresentou um vasto saber sobre atribuições medicinais de plantas, apesar de sua maioria ter um nível de escolaridade considerado baixo.

Em suma, o conhecimento a respeito das atribuições das plantas proveniente do senso comum apresenta um considerável alinhamento com o conhecimento científico. Apesar de um número representativo, há a necessidade de estudos que confirmem a efetividade de algumas aplicações de plantas feitas pelos colaboradores, bem como, de ensinamento científico, para que a comunidade da VPR Quixeramobim possa estar aproveitando das potencialidades curativas de plantas que atualmente desconhece.

Por outro lado, percebe-se que os reais objetivos por trás das técnicas de decocção e infusão - cientificamente explicados no preparo de chás - são desconhecidas pela população estudada. Esse fato acaba sendo incentivado a ser trabalhado como conteúdo em sala de aula, nas disciplinas de Ciências/Química e principalmente em turmas do Ensino Para Jovens e Adultos – EJA.

De fato, com sua experiência e saber popular herdado de gerações passadas, a comunidade VPR Quixeramobim pôde contribuir satisfatoriamente para o estudo Etnobotânico. Os resultados da presente pesquisa abrem espaço para mais estudos de aprofundamento, principalmente na área da farmacologia, que incentivem e proporcionem o uso desses recursos naturais de forma eficiente e saudável.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. A. et al. Atividades biológicas e composição química do óleo essencial de *Chenopodium ambrosioides* L. (Erva de santa maria). **Revista Científica Univiçosa**, v.10, n. 1, 2018.

ARUMUGAM, G; SWAMY, M; SINNIHAH, U. *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng: Botanical, Phytochemical, Pharmacological and Nutritional Significance. **Molecules**, v. 21, n. 4, p.369-376, mar. 2016. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/1420-3049/21/4/369>>. Acesso em 20 set 2021.

AYADI, M. et al. Kinetic Study of The Convective Drying of Spearmint. **Journal of the Saudi Society of Agricultural Sciences**, v.13, n.1, p. 1-7, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jssas.2013.04.004> >. Acesso em: 25 set 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), 2020. **Medicamentos fitoterápicos e plantas medicinais**. Publicado em 21/09/2020. Atualizado em 05/10/2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/medicamentos/fitoterapicos/fitoterapicos>>. Acesso em 07 setembro 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), 2021. **Formulário de Fitoterápicos**. 2ª ed. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/formulario-fitoterapico/arquivos/2021-fffb2-final-c-cap2.pdf>>. Acesso em 22 Setembro 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS), 2017. **Programa de Fitoterápico e Plantas Medicinais** Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/acao-informacao/acoes-e-programas/programa-de-fitoterapico-e-plantas-medicinais>>. Acesso em 15 setembro 2021.

BRITO, M.F.M.; LUCENA, R.F.P.; CRUZ, D.D. Conhecimento etnobotânico local sobre plantas medicinais: uma avaliação de índices qualitativos. **Interciência**. Vol 40. N° 3. p. 156-164. Caracas, Venezuela, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/339/33934728007.pdf>>. Acesso em 10 Junho 2021.

CAMPOS, S.C. et al. Toxicidade de Espécies Vegetais. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.18, n.1, supl. I, p.373-382, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbpm/a/LYfYqbb4vBXgGXfxcqZqt/?lang=pt>> Acesso em: 03 agosto 2021.

CARDOSO, B.S.; AMARAL, V.C.S. **O uso da fitoterapia durante a gestação: um panorama global**. Ciência & Saúde Coletiva. (Programa de Pós-Graduação em Ciências Aplicadas a Produtos para a Saúde, UEG). p. 1439-1450, Goiás, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.07472017>>. Acesso em 13 setembro 2021.

CASTRO, M. A. **Avaliação do potencial fitoquímico das folhas de *Eucalyptus tereticornis smith* (myrtaceae) do semiárido nordestino ocorrente no Ceará**. 91f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêutica) – Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza CE, 2020.

CASTRO, M. R.; FIGUEIREDO, F.F. Saberes tradicionais, biodiversidade, práticas integrativas e complementares: o uso de plantas medicinais no SUS. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**. P. 56-70. 15 (31). 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.14393/Hygeia153146605>>. Acesso em: 01 Julho 2021.

CAVAGLIER, M.C.S.; MESSEDER, J.C. Plantas Medicinais no Ensino de Química e Biologia: Propostas Interdisciplinares na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. Vol. 14, N° 1, p. 55-71. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4282>>. Acesso em: 20 setembro 2021.

DANTAS, J.I.M.; SANTOS, M.T.L.; TORRES, A.M. Conhecimento etnobotânico de plantas medicinais por comercializadores da feira livre municipal de Santana do Ipanema-AL. **Divesitas Journal**. vol. 4, n. 3, p.742-748, Santana do Ipanema, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v4i3.757>> Acesso em 24 setembro 2021.

FERNANDES, T. M. **Plantas Medicinais: Memórias da Ciência no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004. 260 p. Available from Scielo Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/bg6yw/pdf/fernandes-9788575413487.pdf>>. Acesso em 05 de Jul 2021.

GOMES, Angélica Ferraz et al. Variação sazonal na composição química de dois quimiotipos de *Lippia alba*. **Química alimentar**. v. 273, p. 186-193, 2019.

GOMES, L. A. P.; OLIVEIRA, D. G. D. B.; SILVA, E. V. Plantas Medicinais Comercializadas em Marizópolis Pb: Perfil Fitoquímico e As Práticas de Consumo Da População. **Meio Ambiente e Sustentabilidade**. Vol. 2, pag. 332-347. Cap. 25, 2021.

GUIMARÃES, B.O.; OLIVEIRA, A.P.; MORAIS, I.L. Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO. **Journal of Social, Technological and Environmental Science**. v.8, n° 3, p. 196-220. Goiás, 2019.

KOVALSKI, M. L.; OBARA, A. T. O Estudo da Etnobotânica das Plantas Medicinais na Escola. **Ciência Educação**. 19 (4). Bauru, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-73132013000400009>>. Acesso em 21 setembro 2021.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.

MARIANO, X. M. et al. Bioactive volatile fraction of Chilean boldo (*Peumus boldus* Molina)–an overview. **Journal of Essential Oil Research**, v. 31, n. 6, p. 474-486, 2019.

MARQUES, F.C.; SILVA, T.R.B. **Fórum pela Vida: Plantas Medicinais e Mobilização Social no Noroeste Gaúcho. Desenvolvimento em Questão**, vol. 17, nº 47. Rio Grande do Sul, 2019.

MARTINEZ, P. F. et al. Efeito Antioxidante e Anti-inflamatório do Suco de Laranja. **Arq. Bras. Cardiol.**, v. 116, n. 6, p. 1137-1138, jun. 2021.

MEDEIROS, K. C. P. et al. Effect of the activity of the Brazilian polyherbal formulation: Eucalyptus globulus Labill, Peltodon radicans Pohl and Schinus terebinthifolius Radd in inflammatory models. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v. 17, n. 1, pp. 23-28. 2007.

MESSIAS, M. C. T. B. Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. Vol. 17, pag. 76-104. Campinas, 2015.

NASCIMENTO JÚNIOR, B.J. et al. Avaliação do Conhecimento e Percepção dos Profissionais da Estratégia de Saúde da Família Sobre o Uso de Plantas Mediciniais e Fitoterapia em Petrolina-PE, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.18, n.1, p.57-66, 2016. Disponível em: < https://doi.org/10.1590/1983-084X/15_031> Acesso em 26 set 2021.

OLIVEIRA, L.R. Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Revista Verde**, p 25-31. 2015. Disponível em: < <https://doi.org/10.18378/rvads.v10i3.3408>>. Acesso em: 25 set 2021.

PEREIRA, A.C.S.; CUNHA, M.G.C. Medicina popular e saberes tradicionais sobre as propriedades medicinais da flora cerradeira. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**. P. 126-137, Minas Gerais, 2015.

RAŠKOVIĆ, A. et al.. Antioxidant Activity of rosemary (*Rosmarinus officinalis* L.) Essential oil and its hepatoprotective potential. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, v. 14, p. 225, 2014.

RIOS, E. R G. Et al. Senso comum, ciência e filosofia - elo dos saberes necessários à promoção da saúde. **Ciência e saúde Coletiva**. 12(2). P. 501-509. 2007. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000200026>>. Acesso em: 22 set 2021.

RODRIGUES, J.S.C. **Contributo para o estudo etnobotânico das plantas medicinais e aromáticas no parque natural da Serra de S. Mamede**. PNSSM (Relatório de estágio). Portalegre, 2001.

SANTIAGO, R. O.; SOUSA, M. A. L.; COSTA, F. N. . Xarope de malva santa (*Plectranthus barbatus*) utilizado em problemas gástricos e ressaca por consumo de bebidas etílicas. **Mostra Científica da Farmácia**, [S.l.], v. 4, n. 1, jan. 2018.

SILVA, J. G. et al. **Plantas Mediciniais Trazidas da África Para o Brasil: Africanizando o Brasil**. Anais do Congresso Nordestino de Biólogos. Rede Brasileira de

Informações Biológicas – Rebibio. Vol. 6, pag 58-65, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21472/congrebio2016.et-05-002>>. Acesso em 26 Ago 2021.

SILVA, J. L. **Secagem e caracterização da hortelã (*mentha spicata* l.) Pelo método cast-tape drying.** (Dissertação de Mestrado). Patos de Minas, 2021. Disponível em: <<http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.272>>. Acesso em 26 set 2021.

SILVA, N. C. B. REGIS, A. C. D. ALMEIDA, M. Z. Estudo Etnobotânico em Comunidade Remanescente de Quilombo em Rio de Contas – Chapada Diamantina – Bahia. **Revista Fitos**, vol. 07, n. 02, p. 99-109, abril/junho 2012.

SILVEIRA, Y.M.S.C.; RAMIRES, J.C.L. **O uso de plantas medicinais na área urbana de Montes Claro-MG:** reflexões a partir da população atendida na Estratégia Saúde da Família do bairro Morrinhos. In: Encontro Nacional de Geógrafos, XVI. Porto Alegre, 2010.

TAYLOR, L. **The Healing Power of Rainforest Herbs.** Square One Publishers Inc., Garden City Park, NY. S-nitrosylated proteins of *Kalanchoe pinnata*, a CAM plan. 2004.

UNITED STATE DEPARTMENT AGRICULTURE - USDA. **National Genetic Resources Program. Phytochemical and ethnobotanical databases.** Beltsville, 2003.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) no estudo intitulado “**UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NA VILA PRODUTIVA RURAL (VPR) QUIXERAMOBIM: UMA RELAÇÃO DO SENSO COMUM COM A LITERATURA**”, orientado pelo Prof. Dr. Everton Vieira da Silva vinculado a Unidade Acadêmica de Ciências Exatas e da Natureza, Centro de Formação de Professores – CFP da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus Cajazeiras-PB.

Ressaltamos que a sua participação é voluntária e que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral avaliar o senso comum e as experiências dos moradores da VPR Quixeramobim voltados para a medicina popular.

O estudo se faz necessário pela necessidade de acompanhamento científico devido os riscos que o consumo inadequado de plantas pode gerar, bem como, de investigação científica, podendo orientar novas linhas de pesquisa a partir do saber popular sobre plantas medicinais para o estudo farmacológico, alimentício, entre outros. Caso você aceite o convite, será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; responder um questionário com perguntas relativas ao tema abordado na pesquisa.

Os **riscos** envolvidos com sua participação serão mínimos, a exemplo do risco de constrangimento, o que será minimizado por meio da manutenção do sigilo da sua identidade e os esclarecimentos dos investigadores sobre os pontos que causarem dúvida ou desconforto. Como **benefício** da pesquisa, destacamos o processo de utilização e divulgação das análises sobre o senso comum e as experiências dos moradores da VPR Quixeramobim voltados para a medicina popular. Para tanto, realizaremos uma reflexão crítica dos dados que serão interpretados confrontando essas informações e a literatura.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano que seja comprovado que foi decorrente desta pesquisa, você será indenizado. As informações da pesquisa serão divulgadas de modo a garantir o anonimato dos participantes e esses dados serão guardados em local seguro, durante cinco anos, conforme dispõe o Conselho de Ética em Pesquisa. Ao término da investigação, será encaminhado o resultado publicado para o e-mail informado pelos participantes em uma lista à parte do instrumento de coleta de dados.

Este termo foi produzido em duas vias e você ficará com uma das cópias rubricada e assinada. Em caso de dúvida a respeito dos procedimentos ou qualquer informação referente a essa pesquisa, você poderá entrar em contato com o Prof. Dr. Everton Vieira da Silva, através dos seguintes canais de comunicação:

E-mail: evertonquimica@hotmail.com

Endereço: Universidade Federal de Campina Grande, Rua: Sérgio Moreira de Figueiredo, S/N, Casas Populares, 58.900-000.

Telefone comercial:

Telefone ou WhatsApp: (83) 9 9906 – 5575

Li e declaro que concordo participar da pesquisa.

Cajazeiras- PB, _____ de _____ 2021.

Assinatura do participante

Assinatura do Orientando

Assinatura do Orientador

APÊNDICE B – Questionário avaliativo sobre os conhecimentos da população da VPR Quixeramobim sobre as Plantas Medicinais

QUESTIONÁRIO

Dados do Entrevistado

Idade: _____ Sexo: M F Formação: _____

Questões

1. Você faz o uso de Plantas Medicinais?

Sim Não

2. De qual forma você mais costuma utilizar?

Chá(Infusão) Chá(Decocção) Xarope Compressa Suco Maceração

Outros: _____

3. Com que frequência faz o uso de Plantas Medicinais?

Todo dia 3 vezes na semana 1 vez por semana 1 vez por mês

Apenas quando está doente

Outros: _____

4. Onde/como aprendeu sobre o manuseio e aplicação dessas plantas?

Com meus pais/avós Amigos de confiança Televisão Rádio Internet

Outros: _____

5. Como você avalia a funcionalidade e segurança ao utilizar as Plantas Medicinais em relação aos Medicamentos Convencionais (M.C.)?

As plantas são mais eficientes M. C. me passam mais segurança
 Ambos tem a mesma eficiência As Plantas me passam mais segurança
 M. C. são mais eficientes Ambos me passam segurança

6. O que você prefere utilizar?

Plantas medicinais Fitoterápicos Medicamentos Convencionais

Comente: _____
